

1. O retorno a Freud de Jacques Lacan

Quando, no início da década de 50, Lacan lança o seu seminário, tem um objectivo maior que exprime no slogan ‘o retorno a Freud’. Porque razão pensava Lacan que era necessário regressar a Freud cerca de 12 anos depois da sua morte ?

Porque, como Lacan não se cansou de repetir ao longo dos seus *Écrits* (ver, por exemplo, *Situation de la psychanalyse en 1956*), a teoria e a prática fundadas por Freud tinham sido profundamente desvirtuadas pelos seus seguidores. Sob a influência da psicologia arquetipal (Jung) e da psicologia do ego, a psicanálise tornara-se uma prática baseada numa relação interpessoal e mística através de projecções e de identificações imaginárias (identificação do eu do paciente ao eu forte do analista), enquadrada por uma teoria bio-romântica do inconsciente que o define como categoria instintual e irracional. Para Lacan, é urgente repor a psicanálise no seu fundamento lógico-verbal, reabilitando-a como ‘talking cure’, retomando para isso o dispositivo analítico criado por Freud e, principalmente, ler os seus textos.

De facto, o seminário de Lacan, que se desenrolou ao longo de 30 anos, consiste numa leitura da obra de Freud, à luz do estruturalismo.

A época do seminário de Lacan – décadas de 50, 60 e 70 – coincide com a época de ouro do estruturalismo. Esta corrente filosófica alcançou grande prestígio graças aos desenvolvimentos exponenciais da linguística e da antropologia. Na linguística, a revolução fonológica, ao isolar na língua um elemento estrutural, puramente diferencial, como o fonema, eleva a língua à condição de objecto teórico (\neq fenómeno empiricamente observável), ou seja, de estrutura. A língua perde as suas particularidades semânticas e gramaticais e é reduzida à (subsumida em) linguagem. Daí que a linguagem seja o modelo de toda a estrutura. Assim, para ser científico, um objecto de estudo tem de ser estruturado como uma linguagem. Lévi-Strauss, por exemplo, vai estudar os sistemas de parentesco ou o pensamento mítico como linguagem. Lacan insere-se também nesta onda estruturalista. O seu aforismo ‘**o inconsciente é estruturado como uma linguagem**’ visa precisamente conferir ao inconsciente a condição de objecto científico. De facto, o objectivo último do estruturalismo é repetir o gesto galilaico-newtoniano para as ciências sociais e humanas – as ciências que lidam com significações -, elevando-as ao estatuto de ciências matematizadas (por exemplo, a fórmula canónica do mito¹, de Lévi-Strauss).

Assim, quando Lacan insiste que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, que o inconsciente está no significante, e não no instinto, está a dizer que o inconsciente é um objecto científico (e não místico) e que a psicanálise é uma ciência. De facto, Freud, ao criá-la, criou-a como uma teoria e uma prática de racionalidade científica. Segundo Lacan, essa racionalidade científica tinha sido escamoteada pelas teorias e práticas deturpadas e deturpadoras dos psicanalistas da época, mas o estruturalismo tinha criado as condições que permitiam voltar à letra e

$\frac{F_x(a) \therefore F_y(x)}{F_y(b) \therefore F_a - 1(b)}$

ao espírito de Freud. Deste modo, a leitura lacaniana da obra de Freud integra-se no ambicioso projecto científico do estruturalismo.

2. Estrutura

Uma estrutura é uma combinatória de elementos puramente diferenciais. Estes elementos são puros negativos: eles não têm nenhuma identidade ou conteúdo intrínsecos; a sua identidade ou significado resulta da sua posição na estrutura, ou seja, da sua relação aos outros elementos. O modelo do elemento estrutural é o fonema. Toda a língua é, enquanto estrutura, i.e., enquanto linguagem, uma combinatória de elementos diferenciais, que são ou que funcionam como os fonemas. Saussure dizia que numa língua não há senão diferenças. Lacan chama à essas diferenças os **significantes** e explicita o primado do significante sobre o significado: o significado não é dado ‘a priori’, ele não é intrínseco ao significante; pelo contrário, o significado resulta duma relação entre significantes. Embora falemos ‘do significante’ ou ‘do fonema’, temos de ter em conta que os elementos estruturais não existem isoladamente, pois eles estão sempre em relação – em combinatória – com outros significantes. Logo, na estrutura as relações prevalecem sobre os termos e, por isso, Deleuze definiu o estruturalismo como uma nova filosofia transcendental.

Dizer então que o inconsciente é estruturado como uma linguagem implica que o inconsciente é uma combinatória de significantes. Ao trazer Freud para o estruturalismo, Lacan quer demonstrar a coincidência entre o inconsciente freudiano e o inconsciente estrutural. É este o sentido do seu ‘retorno a Freud’ contra a imersão da psicanálise no bio-psicologismo. Contra esta psicanálise, Lacan afirma fortemente que o inconsciente não é biológico e não é psicológico: é lógico. Por outras palavras, o inconsciente não está nem no instinto nem no eu-centro-da-consciência: está no significante. Porque o inconsciente não é ‘propriedade’ do homem enquanto ser vivo, mas enquanto ser falante. Deste modo, o termo ‘logos’ tem explicitamente o duplo sentido de razão e de palavra, verbo, linguagem, significante. É precisamente o inconsciente que marca indelevelmente o humano como um ser que não se define pela natureza mas pela linguagem.

Para trazer o inconsciente para a estrutura, Lacan considera Freud um precursor do estruturalismo – o estruturalismo apreende retroactivamente o que Freud antecipou. De facto, o privilégio dado ao verbo nas formações do inconsciente, assim como a função crucial do pai simbólico no Édipo e no mito do parricídio primitivo (o pai em nome de quem o filho renuncia à satisfação imediata) apontam precisamente para um inconsciente como articulação significante. É essa linha que Lacan vai explorar nos anos 50, pondo em relevo que no inconsciente ‘ça parle’. E também insistindo na ideia segundo a qual o que Freud descobriu no Édipo foi o simbólico.

3. Real, Imaginário e Simbólico

Esta trindade conceptual constitui os 3 regimes do inconsciente. Eles não existem como tal na obra de Freud e são uma criação de Lacan.

O real é dado bruto, a coisa idêntica a si mesma, sem imagem e sem nome (1). O imaginário é o regime das relações duais, fundadas na imagem especular, como a relação analista-analisado na prática analítica pós-freudiana. É o regime das projecções, identificações, simetrias, logros narcísicos, ideais, duplos, rivalidades

(2). O simbólico é a articulação significante (linguagem) que ordena o real e o imaginário subordinando-os à sua lei (à sua gramática). O simbólico transcende o real e o imaginário, prevalece sobre eles: é a autonomia do simbólico e é por isso que a teoria do primeiro Lacan se coloca sob a insígnia SIR. O simbólico é um terceiro elemento que transcende e mediatiza (estrutura, articula) uma relação a dois (3) – por exemplo, a relação analítica (analista-analisado) ou a relação edipiana (criança-objecto materno). Daí que um outro nome do simbólico seja o Outro (A de Autre).

Tomemos como exemplo o dia e a noite. Do ponto de vista do real, a alternância do dia e da noite mantém-se impassível e indiferente ao que se passa no mundo humano. Na perspectiva do imaginário, a alternância do dia e da noite é figurada como uma luta entre luz e trevas, entre sol e águas, luta que é frequentemente antropomorfizada como um combate entre o herói e o monstro. Do ponto de vista do simbólico, dia e noite são termos de uma relação de oposição e não têm qualquer conteúdo intrínseco, pois o significado de cada termos resulta da sua oposição ao outro.

O simbólico é a mesma coisa que a estrutura e que a linguagem. Símbolo e significante são praticamente sinónimos. O simbólico constitui o campo transbiológico em que se situa a vida humana. É ele que é responsável pelo facto de o mundo humano não coincidir com o meio natural, pois é o símbolo que introduz na realidade primitiva a transcendência de que é feita a realidade humana: os seres falantes não estão no mundo como peixe na água.

Para Lacan, portanto, o que Freud descobriu no Édipo foi a necessidade de articulação simbólica do inconsciente.